

## ESTRATÉGIAS DE ENSINO PARA ALUNOS AUTISTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL I

TEACHING STRATEGIES FOR AUTISTIC STUDENTS IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES IN ELEMENTARY SCHOOL

Graziany Penna Dias<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-7933-530X1>

Sionara Cristina Costa<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0009-0002-2913-710X>

### Resumo:

O presente estudo analisou as atuais estratégias de ensino para alunos com TEA (Transtorno do Espectro Autista) nas aulas de Educação Física no ensino fundamental I (anos iniciais). O objetivo do trabalho foi pesquisar produções acadêmicas a fim de encontrar tais estratégias, e com os resultados encontrados realizar um quadro expositivo para melhor compará-las. Para a coleta dos dados foi realizada uma pesquisa bibliográfica com uma abordagem qualitativa nas principais revistas eletrônicas da área da Educação Física, e nas plataformas de pesquisa na internet. Os resultados encontrados demonstraram que ainda há poucos estudos publicados sobre esse tema, inclusive não foram encontrados nenhum trabalho nas revistas eletrônicas renomadas. Os resultados encontrados demonstraram a importância da disciplina para o desenvolvimento do aluno com autismo, além disso, a maioria dos autores ressaltaram a eficácia da intervenção com crianças com TEA quando são feitas as devidas adaptações na comunicação e nas estratégias de manejo do comportamento.

**Palavras-chave:** educação física escolar; transtorno do espectro autista; ensino fundamental I.

### Abstract:

This study analyzed current teaching strategies for students with ASD (Autism Spectrum Disorder) in Physical Education classes in elementary school. The aim of the work was to research academic productions in order to find such strategies and with the results found to make an expository table to better compare them. To collect the data, a bibliographical survey was

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais/Campus Juiz de Fora (IF SUDETSE MG/JF). E-mail: [graziany.dias@ifsudestemg.edu.br](mailto:graziany.dias@ifsudestemg.edu.br).

<sup>2</sup> Especialista em Esportes e Atividades Físicas Inclusivas para Pessoas com Deficiência da Universidade Federal de Juiz de Fora. Graduada em Educação Física Licenciatura pela Fundação Educacional de Divinópolis. E-mail: [sionaraccostaef@gmail.com](mailto:sionaraccostaef@gmail.com)

carried out with a qualitative approach in the main electronic journals in the field of Physical Education and on Internet research platforms. The results showed that there are still few studies published on this subject and no papers were found in the renowned electronic journals. The articles that were found demonstrated the importance of the subject for the development of students with autism. In addition, most of the authors highlighted the effectiveness of intervention with children with ASD when the appropriate adaptations are made to a better communication and behavior management strategies.

**Keywords:** school physical education; autism spectrum disorder; primary education.

## INTRODUÇÃO

Atualmente, as escolas públicas de ensino regular têm recebido muitas crianças com necessidades específicas. De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) (Brasil, 2024), no Censo de 2023, as matrículas na educação especial chegam a 1,7 milhão, sendo que 62,90% concentram-se no ensino fundamental. Vale dizer que esse avanço demonstra a necessidade urgente de providências quanto à inclusão das crianças com necessidades específicas nas escolas regulares (Kasper; Loch; Pereira, 2007).

Com relação ao Transtorno do Espectro Autista (TEA), sabe-se que é considerado uma síndrome de neurodesenvolvimento que se define por *déficits* na reciprocidade social e na comunicação, e por comportamentos restritos e repetitivos incomuns, nunca se casando e apenas raramente formando amizades comuns e recíprocas (Lord *et al.*, 2000). O autismo é um distúrbio que, em geral, se inicia na infância, por volta dos primeiros três anos de vida.

Os pais geralmente se preocupam primeiro porque seu filho não está usando palavras para se comunicar, embora recite trechos de fitas de vídeo ou diga o alfabeto para se comunicar, mesmo que recite trechos de fitas de vídeo ou diga o alfabeto. Embora os *déficits* sociais possam não ser imediatamente óbvios nos primeiros anos, tornam-se gradualmente mais evidentes à medida que a criança “dá os primeiros passos” e à medida que, ao se comparar crianças de mesma idade, fica perceptível que essas se apresentam mais socialmente desenvolvidas.

Na idade pré-escolar, começam a se desenvolver comportamentos repetitivos, como o uso da visão periférica para olhar linhas ou rodas ou movimentos específicos das mãos e dos dedos (Lord *et al.* 2000). O autismo é uma condição heterogênea; não há duas crianças ou adultos com autismo que tenham exatamente o mesmo perfil, mas as dificuldades se enquadram em domínios centrais. São três as áreas as quais se observam dificuldades e atrasos no desenvolvimento: a) Disfunções sociais, b) Deficiências da comunicação e c) Interesses e comportamentos restritos e repetitivos (Thompson, 2014; Whitman, 2015).

Com isto, faz-se mister destacar que o autismo não é uma doença nem uma deficiência (Ortega, 2009), mas um transtorno que pode vir acompanhado de doenças e de deficiências. Não obstante, no Brasil, recentemente por via de legislação, para fins de busca de tratamento e de terapias, o autismo passou a ser demarcado como uma deficiência.

Em termos da legislação, sobretudo, a partir da Lei “Berenice Piana” 12.764/2012 que foi regulamentada pelo Decreto 8.368 de 2014, o Art. 1º considera a pessoa com TEA uma pessoa com deficiência para todos os aspectos legais. Já o Art. 4º trata do dever de o Estado, de a

família, de a comunidade escolar e de a sociedade assegurar o direito da pessoa com TEA à educação, em sistema educacional inclusivo, garantindo a transversalidade da educação especial desde a educação infantil até a educação superior (Brasil, 2012).

Indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresentam características comportamentais específicas que podem representar desafios para pais e educadores. A meta é promover o desenvolvimento de habilidades acadêmicas e de autocuidado, visando aprimorar sua independência.

Em relação aos professores, pesquisas indicam que relatam dificuldades, seja pela falta de preparação adequada durante a graduação ou pela escassez de cursos que ofereçam as ferramentas necessárias para ensinar crianças e jovens com TEA.

Sendo assim, torna-se necessário o entendimento desse transtorno para poder incluir os alunos que possuem esta deficiência nas aulas de educação física, tendo em vista que a maioria dos professores desta disciplina possuem dificuldades em planejar as atividades que atendam às necessidades destes alunos (Cunha, 2018; Cunha, 2015).

No âmbito da Educação Física, os professores da área escolar são uníssomos em dizer sobre a dificuldade em trabalhar com discentes que têm TEA, dada a pouca preparação que receberam na graduação e pelas peculiaridades que a pessoa dentro do espectro apresenta, como interesses muito restritos (Werlich, 2019).

Por outro lado, alguns trabalhos têm indicado que a Educação Física Escolar se constitui como um componente curricular ímpar para ajudar no processo de inclusão escolar e no desenvolvimento dos alunos com TEA. De acordo com Oliveira (2017, p. 27):

[...] a disciplina de Educação Física possui extrema importância para pessoas com deficiência, em especial crianças e adolescentes com TEA. A Educação Física tem objetivos que vão ao encontro das dificuldades e características do transtorno (por exemplo, a interação e comunicação entre os pares, o foco na tarefa, controle e independência, o estímulo à superação de barreiras e desafios pessoais e grupais etc.) e, estes objetivos, quando bem explorados possibilitam um desenvolvimento efetivo de habilidades motoras, sociais e comunicativas.

As ações exitosas da Análise do Comportamento Aplicada se devem, dentre outras coisas, ao trabalho individualizado que é feito a partir da observação de cada pessoa, na sua singularidade. A ciência ABA (do inglês *Applied Behavior Analysis*) (Sella, 2018) tem os seus fundamentos, pautados nos fundamentos do behaviorismo radical proposto por Skinner. O arcabouço de conhecimentos que derivam das produções de Skinner, detém um conjunto de conceitos e de procedimentos já testados cientificamente. Estudos relativamente recentes têm procurado produzir práticas pedagógicas na Educação Física Escolar pautadas na ciência ABA, voltadas aos discentes com TEA (Chereguini; Santos, 2020; Chereguini, 2017a; Chereguini, 2017b).

Referências recentes têm demonstrado que as estratégias baseadas na ABA, usadas no interior das instituições escolares, têm implicado em uma melhora significativa nos processos de

inclusão escolar, sobre os quais observam-se um aumento na interação com os pares e os professores e uma redução nos comportamentos disruptivos (Martins, 2020).

Por isso, o presente estudo tem por intenção investigar na literatura nacional, trabalhos que apontem importantes abordagens sobre como incluir os alunos com autismo nas aulas de Educação Física, citando alguns métodos/estratégias de ensino que podem ser utilizados nas aulas com intuito de promover uma maior participação e integração desses alunos.

## MÉTODOS

Com uma abordagem qualitativa, esse trabalho abarca uma pesquisa bibliográfica, tendo como marco temporal o período de 1994 até 2024. O ano de 1994 refere-se à Declaração de Salamanca, documento elaborado na Conferência Mundial sobre Educação Especial, em Salamanca, na Espanha, em 1994 (Graham *et al.*, 2023; Hanssen; Khitruk, 2021; Villegas, 2021). O objetivo desse documento foi oferecer as diretrizes básicas para a formulação e reforma das políticas e sistemas educacionais, conforme o movimento de inclusão social.

No tocante às plataformas da Educação Física Escolar, a pesquisa será feita em quatro periódicos de renome da área, a saber: Revista Movimento, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Revista Motrivivência, Revista Pensar a Prática.

Conforme os estudos de Bracht (2011), estes quatro periódicos se apresentavam como sendo os de maior relevância e rigor nos trabalhos publicados. Em pesquisa recente, confirmou-se por meio de consulta feita em 10/2023, pela Plataforma Sucupira, que estes periódicos ou mantiveram, em sua maioria, sua importância e ainda são significativos.

No tocante às plataformas de pesquisa mais amplas, serão utilizadas as do quadro, a seguir: Portal de Periódicos da Capes, Google Acadêmico (Scholar) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. As plataformas de busca utilizadas têm reconhecimento acadêmico na área da Educação e abarcam muitos periódicos e trabalhos. O marco temporal será do período de 1994 até 2024.

A análise dos dados será realizada por meio da Análise de Conteúdo (AC), um conjunto de técnicas que tem como objetivo qualificar e organizar as produções científicas a partir das suas formulações e caminhos metodológico adotados (Bardin, 2011). No âmbito da AC, a presente pesquisa se valerá das seguintes técnicas/fases (Prezenszky; Mello, 2019): 1) Leitura exploratória do material localizado; 2) Leitura seletiva para determinar os trabalhos que interessam ao estudo; 3) Leitura crítica/reflexiva para determinar critérios que ajudem a sumariar as informações; e 4) Leitura interpretativa, a qual procura relacionar as informações com o problema de pesquisa. Neste sentido, os procedimentos de busca e de análise dos trabalhos encontrados serão feitos a partir dos seguintes momentos:

1) Serão levantados os trabalhos que de forma direta ou indireta se refiram aos descritores “Educação Física Escolar”, “transtorno do espectro autista”, “ensino fundamental I” e “estratégias de ensino”. Para tal, será feita a leitura do título, palavras-chaves e resumo. As consultas serão realizadas, utilizando a ferramenta “busca avançada” das plataformas, cujos campos extras são exibidos como filtros de busca (Leitura Exploratória). Nesta revisão, os descritores entre grupos foram combinados usando o operador booleano “AND/E”. Os critérios

de inclusão foram: (1) estudos originais, (2) língua portuguesa. Já os critérios de exclusão foram: (1) duplicatas, (2) artigos não disponíveis em texto completo.

2) Em seguida, será realizado o mapeamento, produzindo a relação completa de todos os trabalhos direta e indiretamente relacionados (Leitura Seletiva).

3) No terceiro momento, faremos a leitura integral dos artigos e análise dos trabalhos que tiverem uma relação direta e explícita com o tema ou que possibilitem melhor delineamento do nosso objeto de pesquisa (Leitura crítica/reflexiva).

4) A partir dos dados empíricos encontrados, será montado um quadro expositivo, no qual serão apresentados os trabalhos que procurem tratar sobre as estratégias de ensino voltadas aos alunos autistas nas aulas de Educação Física no ensino fundamental I.

## RESULTADOS

Não foi encontrado nenhum estudo sobre as estratégias de ensino para alunos autistas nas aulas de Educação Física no ensino fundamental I (anos iniciais) nos periódicos da área da Educação Física Escolar, como nas revistas Movimento, Brasileira de Ciências do Esporte, Motrivivência, e Pensar a Prática.

Já nas plataformas de pesquisas, foram encontrados 42 artigos, sendo Portal Periódicos Capes (n: 2), Google Acadêmico (n: 30), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (n: 10) que tratavam sobre as estratégias de ensino nas aulas de Educação Física para alunos autistas

A partir desses artigos, foram selecionados 03 estudos (03 artigos no Google Acadêmico, e 01 trabalho na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) que tratavam diretamente dessas estratégias de ensino para alunos autistas do ensino fundamental I. Através da leitura detalhada de cada um desses estudos, foi confeccionado o quadro abaixo que relaciona as estratégias de ensino indicadas em cada um deles.

**Tabela 01** - Trabalhos encontrados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

Nome da Dissertação/Tese	Autor	Ano	Estratégias de Ensino
Educação Física escolar e inclusão de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo	OLIVEIRA, Calleb Rangel de	2017	- Recursos visuais; - Atividades em duplas ou em grupos; - Modelagem; - Comunicação Clara e direta; - Reforço positivo

Fonte: Os autores.

**Tabela 02** - Trabalhos encontrados no Google Acadêmico

Nome do artigo	Autor	Ano	Estratégias de Ensino
----------------	-------	-----	-----------------------

Adaptações e estratégias baseadas em evidência para aumentar a interação e o engajamento de alunos com tea nas aulas de Educação Física. (Artigo)	OLIVEIRA, C. R. <i>et al.</i>	2023	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reforço Positivo;</li> <li>- Estratégia de <i>prompts</i> (ajuda verbal, gestual ou física oferecida para o aluno realizar a tarefa solicitada);</li> <li>- Modelagem;</li> <li>- Apoios Visuais;</li> <li>- Orientações curtas e objetivas;</li> <li>- Intervenção mediada por pares;</li> <li>- Utilização do Princípio Premack (realizar uma atividade preferida após uma atividade menos preferida)</li> </ul>
Mídias digitais como recurso de acessibilidade para estudantes com autismo nas aulas de educação física (Dissertação)	BERNARDO, J. T.	2019	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estudar o comportamento do aluno com TEA;</li> <li>- Estabelecer uma rotina e ordem das atividades na aula;</li> <li>- Organização do ambiente (menos barulho e materiais esparramados);</li> <li>- Manter uma comunicação curta e clara, evitando gírias e ironias;</li> <li>- Desenvolver atividades com períodos curtos;</li> <li>- Trabalhar com atividades mais concretas possível;</li> <li>- Buscar ajudantes para a aula;</li> <li>- Estabelecer contato visual com a criança;</li> <li>- Utilizar assuntos de interesse da criança para atrair a atenção;</li> <li>- Utilização de mídias para modelagem de habilidades comportamentais e motoras.</li> </ul>
Alunos com transtorno do espectro autista na escola regular: relatos de professores de Educação Física	MAIA, J.; BATAGLION, G. A. e MAZO, J. Z.	2020	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estabelecer uma rotina de atividades nas aulas;</li> <li>- Conhecer o aluno e propor atividades de seu interesse;</li> <li>- Adaptar a forma de comunicação com os alunos com TEA;</li> <li>- Não limitar as expressões dos alunos com TEA</li> <li>- Método de prelação;</li> <li>- Demonstração e modelagem das atividades ensinadas;</li> <li>- Promover atividades em pares ou em pequenos grupos;</li> </ul>

---

- Utilização de músicas para deixar as aulas mais leves.

---

Fonte: Os autores.

Os artigos encontrados expressam que a Educação Física se constitui um dos principais componentes curriculares capazes de promover a inclusão escolar e o pleno desenvolvimento dos alunos. Isto se dá muito especialmente pelo fato de a disciplina utilizar conteúdos variados no seu ensino, tais como: os jogos, as lutas, as danças e a ginástica (Oliveira *et al.*, 2023).

Outro ponto que os trabalhos ressaltam a eficácia da intervenção com crianças com TEA quando são feitas as devidas adaptações na comunicação e nas estratégias de manejo do comportamento (Oliveira *et al.*, 2023; Almeida *et al.* 2023). Um ponto importante que foi identificado na pesquisa é com relação ao uso de conceitos de fundamentos ABA, Análise do Comportamento Aplicada (Moreira; Medeiros, 2018). Esta ciência baseada no behaviorismo radical (proposto por Skinner) tem se constituído como a principal meio de se poder analisar o comportamento de crianças com TEA para poder intervir no comportamento. Trabalhos como os de Oliveira *et al.* (2023), Oliveira (2017), Bernardo (2019) e Almeida *et al.* (2023) expressam claramente conceitos como reforço positivo, modelagem, dentre outros que são próprios da Análise do Comportamento Aplicada.

No trabalho de Oliveira *et al.* (2023), os autores destacam a importância de produzir adaptações no ensino, obviamente, com o acompanhamento da evolução do desempenho do estudante, de modo a se poder traduzir em dados que possam confirmar a validade da estratégia adotada, que, muitas vezes, dependem de um tempo maior da sua efetiva execução. De acordo com os autores:

Na primeira sessão de coleta de dados, o professor adotou espontaneamente algumas estratégias e atividades diferenciadas que se mostraram eficazes para o aluno. Com a não sistematização dessa prática, porém, a frequência de interações desse participante diminuiu consideravelmente nas sessões seguintes da *baseline* apresentou uma mudança rápida e crescente na fase da intervenção, quando estratégias e práticas semelhantes foram novamente introduzidas. Esse aspecto reforça que práticas ou adaptações, muitas vezes, já são adotadas em algumas aulas pelos professores, porém o não (re)conhecimento de sua efetividade e a não persistência no uso ou ausência de sistematização acaba comprometendo os resultados de tal prática (Oliveira *et al.*, 2023, p. 17).

Esta formulação é reforçada por uma outra passagem da pesquisa realizada, na qual um estudante com TEA, que apresentava resistência em participação de atividades e de interação social com os colegas, aumentou o seu nível de engajamento pela insistência da estimulação e sistematização de orientações. Ocorre que, muitas vezes, o docente, ao perceber de modo imediato que a estratégia não produz efeitos, abandona uma estratégia que poderia estar em vias de promover mudanças efetivas no comportamento do estudante.

O artigo de Maia, Bataglion e Mazo (2020) faz destaque a um ponto essencial sobre a especificidade dos estudantes com TEA, uma vez que é muito comum na área de Educação

Física, os docentes se valerem de materiais relacionados a manuais de atividades corporais, planos de aula prontos, livros com dezenas de jogos recreativos etc. São comuns obras que procuram sinalizar ao professor de Educação Física “[...] para que, o que, quando e como ensinar as Práticas Corporais da Escola” (González; Darido; Oliveira, 2017, p. 13). Apesar da contribuição que tais materiais podem trazer ao fazer pedagógico da Educação Física escolar, no caso do trato com estudantes autistas, tal dinâmica se torna infrutífera.

De acordo com os autores em suas pesquisas com professores que trabalham com crianças autistas,

a compreensão de que cada pessoa com TEA possui as suas particularidades, demandando de distintas estratégias de ensino para atender as suas necessidades e estimular as suas potencialidades foi identificada, também, nas falas dos demais entrevistados (Maia; Bataglioni; Mazo, 2020, p. 20).

Nesse sentido, uma atividade ou vivência pré-estabelecida de pouco adianta ao professor se este não souber como o seu aluno com TEA se comporta. Sendo assim, é necessário saber manejar os comportamentos para que o estudante possa ter engajamento na aula e haja interação com os outros estudantes. Uma passagem que ilustra bem este fato é o relato de uma professora participante da pesquisa que atesta o seguinte:

Quando comento sobre obstáculos com meu primeiro aluno, foi por ele ser a minha primeira experiência e por ter sido o ‘grau’ mais avançado de TEA que já trabalhei. Ele não falava, apenas se expressava com gestos e tinha muitas crises. Nessas crises, o que mais me ajudou foi quando eu cantava para ele, ele adorava a música da borboletinha, eu sentava na frente dele, pegava suas mãos e batia palmas junto com ele ao ritmo da música. Sempre que ele queria se acalmar me puxava pela mão, sentávamos e repetíamos essa dinâmica diversas vezes. (Maia; Bataglioni; Mazo, 2020, p. 21).

Deste relato, depreende-se que não é algo que esteja previsto ou determinado em qualquer manual orientador de atividades ou resolução de comportamentos disruptivos, mas algo que só é possível de ser realizado conforme a necessidade da criança num contexto determinado. Por isso, a necessidade de se conhecer cada aluno nas suas singularidades para se poder ofertar aulas cujos objetivos e métodos sejam adequados à promoção do ensino-aprendizagem do estudante dentro do espectro (Ibidem, p. 21).

Já no estudo de Bernardo (2019), a autora destaca uma experiência por meio da Modelagem em vídeo ou Vídeo Modelagem (VM) que é pautada na Teoria da Aprendizagem Social de Bandura (1977), segundo a qual o foco é demonstrar corretamente um comportamento a fim de que o aluno o copie (Bernardo, 2019). Esta estratégia tem por referência que o estudante com TEA imite comportamentos e habilidades por meio de vídeos feitos por um adulto ou pares. Nessa proposta, o VM agiria como um mediador gerando pistas visuais.

A autora destaca que o VM pode ser desenvolvida sob três tipos: I) Modelagem em Vídeo tendo outros como modelo (MVO) – neste tipo, utiliza-se um modelo (pessoa conhecida ou não) para reproduzir o comportamento ou habilidade a ser aprendida; II) Automodelagem em Vídeo (AV) – neste tipo, o próprio aluno é o modelo; III) Modelagem em Vídeo a partir do ponto de vista (MVPV) – o vídeo é filmado em primeira pessoa, cuja confecção ocorre com a câmera na altura do ombro para dar a percepção do olhar do estudante ao realizar a tarefa.

Os estudos de Oliveira (2017) asseveram a partir de uma revisão sistemática a importância da Educação Física para a inclusão de alunos com TEA. Além disso, também é ressaltada a dificuldade relatada pelos docentes da área escolar ao destacarem dificuldades de formação que dê respostas aos problemas encontrados no trato com os estudantes e no manejo do comportamento e a não utilização de adaptações e estratégias nas aulas. A partir disto, a autora faz um resgate de estratégias relatadas nas literaturas disponíveis para enfrentar as questões de ensino aprendizagem no processo de inclusão. Com relação ao processo de comunicação, a autora destaca, a partir do estudo de López *et al.* (2008), o uso do sistema de comunicação Total Habla Signada, de Benson Schaeffer. A criação de um cartão em que se identificam, por meio de sinais e de imagens, as atividades que serão realizadas. Por exemplo, o ziguezaguear entre cones, saltar um obstáculo, arremessar uma bola por dentro de um arco etc. Nas palavras de Oliveira (2017, p. 34-35): “[...] este sistema de comunicação contribui para as aulas de Educação Física, pois pode auxiliar na interação do professor e aluno, estruturação de uma rotina na 35 aula e a comunicação do aluno com autismo [...]”.

No tocante à socialização, Oliveira (2017) destaca alguns estudos que fazem uso de atividades de baixa demanda e interação social para promover a inserção paulatina do aluno com TEA junto dos seus pares. São citadas atividades como trampolim, skates, bicicletas, patins, contato com a água e areia, corrida lenta, ginástica, basquete e judô (Oliveira, 2017). Cabe ressaltar que, para além da atividade em si, a maneira como vai abordá-la com o estudante dentro do espectro faz toda diferença para permitir o seu engajamento.

Segundo Oliveira (2017, p. 35),

o professor deve se aproximar do aluno com autismo e passar instruções claras e breves, de preferência que sejam escritas e com imagens. Ressalta[se] a importância de ter rotinas estabelecidas, bem como evitar o contato físico excessivo e atentar-se para os sons e voz altos, pois auxiliam que os alunos com autismo e dificuldades sensoriais não se sintam desconfortáveis no ambiente escolar e compreendam as demandas exigidas nas aulas.

Ressalta-se aqui que o sentimento de desconforto no estudante com TEA pode tornar-se a principal barreira de aversão às atividades propostas pelo professor. As condições próprias do autismo, como a falta/deficiência na comunicação e nas interações sociais, bem como uma certa indiferença do mundo ao redor (“Eles estão no mundinho deles!”) pode sugerir ao professor (não só de Educação Física, mas de qualquer área) que este aluno não está atento ao que vê e ao que é dito (no conteúdo e na forma) para ele. Vale ressaltar que não é incomum a Educação Física, por sua herança higienista, militarista e esportivista de alto rendimento desdenhar destes alunos sob o raciocínio de que não aproveitarão os benefícios presentes dos elementos da cultura corporal (Coletivo de Autores, 1992) e tampouco os aprenderão. Tal visão, na verdade, é reveladora, dentre outras coisas, da incapacidade de promover a inclusão destes alunos na escola.

Nesse sentido, depende-se que a contribuição que a Educação Física pode fornecer ao processo de inclusão dos alunos dentro do TEA perfaz a implementação de estratégias que permitam uma intervenção qualificada.

## CONCLUSÃO

De acordo com a pesquisa realizada, foi possível observar a ausência de trabalhos publicados em periódicos e revistas nacionais de renome na área da Educação Física Escolar que estivessem relacionados com o autismo. Mesmo nas plataformas de pesquisa, em quais foram encontrados os estudos analisados nesse trabalho, foi observado o quanto esse tema ainda é pouco representativo nas pesquisas e produções acadêmicas da área.

Através da análise dos artigos citados, é possível concluir que a disciplina de Educação Física é de grande importância no meio escolar, principalmente, para os alunos com TEA, pois segundo Oliveira (2017) essa disciplina possui um papel valioso na inclusão escolar por possibilitar um amplo espaço para alunos com TEA se desenvolverem e usufruírem das mesmas condições que os demais alunos. Este autor ressalta que a Educação Física Escolar promove o desenvolvimento de todos os alunos não só no aspecto motor, mas também social, cognitivo e afetivo através de jogos recreativos, esportes, lutas, dança e ginástica.

Apesar das aulas de Educação Física escolar apresentarem todos os benefícios citados anteriormente, é preciso que os professores desta disciplina adotem em suas aulas estratégias pedagógicas a fim de promover a inclusão e o engajamento dos alunos com TEA nas atividades.

As estratégias pedagógicas pesquisadas para as aulas de Educação Física para alunos com TEA no ensino fundamental I, de forma geral, estão ligadas à comunicação do professor com o aluno. Além disso, as intervenções podem ser feitas na aula para que o aluno com TEA participe das atividades de forma efetiva.

Em relação à comunicação, de acordo com os artigos estudados, o professor deve se comunicar com o aluno buscando o contato visual e fazer explicações curtas e objetivas para que ele não perca o foco. É importante também fazer a demonstração das atividades e utilizar recursos visuais (figuras e mídias) para atrair a atenção do aluno e facilitar o entendimento sobre a forma de execução dessas atividades.

Além disso, dar *feedbacks* positivos durante a aula, promover atividades em que ele possa realizar em dupla com outro aluno, buscar conhecê-lo e trazer para aulas os assuntos de seu interesse, além de manter uma rotina nas aulas e deixar organizados os locais de prática são estratégias importantes para promover a participação e interação do aluno com TEA nas aulas de Educação Física.

Todos esses conceitos e ações estratégicas dos professores de Educação Física com alunos autistas remetem à abordagem da Análise do Comportamento Aplicado (ABA) que foi identificada em boa parte dos trabalhos estudados, mostrando o quanto é importante que essa ciência possa ser estudada e aplicada ao cotidiano dos alunos com TEA.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Bruno Almeida; SOUZA, Caíque. T.; MARIANO, W. B.; DIAS, V. K. Inclusão de alunos com transtorno do espectro autista nas aulas de educação física: estratégias didático-pedagógicas utilizadas por professores. *In: 14º FÓRUM CIENTÍFICO UNIFUNEC:*

EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 14., 2023 Santa Fé do Sul. **Anais [...]**. Santa Fé do Sul (SP): UNIFUNEC, v.14, n.14, 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 70ª Edições. São Paulo, SP: Almedina Brasil. 2011. 281p.

BERNARDO, Juliana Teixeira. **Mídias digitais como recurso de acessibilidade para estudantes com autismo nas aulas de educação física**. 2019.149 f. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pós-graduação de Ensino de Educação Básica. Rio de Janeiro, 2019.

BRACHT, V.; FARIA, B. de A.; MORAES, C. E. A.; ALMEIDA, F. Q. de; GHIDETTI, F. F.; GOMES, I. M.; ROCHA, M. C.; MACHADO, T. S.; ALMEIDA, U. R. A educação física escolar como tema da produção do conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010): Parte I. **Movimento**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 11–34, 2011. DOI: 10.22456/1982-8918.19280. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/19280>. Acesso em: 20 maio. 2024. Acesso em: 10 ago. 2020.

BRASIL. Lei Federal nº 12.764/2012, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3o do art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF: 28 dez. 2012

BRASIL. Inep. **Matrículas na educação especial chegam a mais de 1,7 milhão**. Agência Gov, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/matriculadas-na-educacao-especial-chegam-a-mais-de-1-7-milhao>. Acesso em: 17 mar. 2024.

CAETANO, Rodrigo. **Falta de capacitação prejudica alunos com deficiência em SP, diz pesquisa Exame**, 2021. Disponível em: <https://exame.com/esg/falta-de-capacitacao-prejudica-alunos-com-deficiencia-em-sp-diz-pesquisa/>. Acesso em: 11 set. 2023.

CHEREGUINI, P. A. C.; MAXIMINO, J. R.; MOTA, T. dos S. Educação física especial aplicada ao autismo no Brasil: avanços recentes e perspectivas de atuação/Special physical education applied to autism in Brazil: recent advances and prospects for action. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 3, n. 4, p. 7722–7728, 2020. DOI: 10.34119/bjhrv3n4-042. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/12849>. Acesso em: 20 mar. 2024.

CHEREGUINI, P. A. C. Princípios da análise do comportamento aplicados a educação física especial. *In: XXVI ENCONTRO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA E MEDICINA COMPORTAMENTAL*, 2017, Bauru. **Anais [...]**. Bauru: Universidade Estadual Paulista no Campus de Bauru/SP (UNESP – Bauru), 2017a.

CHEREGUINI, P. A. C. Análise do Comportamento, Exercício Físico e Desenvolvimento atípico: Pesquisas e Intervenções. *In: XXVI ENCONTRO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA E MEDICINA COMPORTAMENTAL*, 2017, Bauru. **Anais [...]**. Bauru: Universidade Estadual Paulista no Campus de Bauru/SP (UNESP – Bauru), 2017b.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia de ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 2012.

CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola**: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar. 5. ed. Rio de Janeiro: Waak, 2018.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão**: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. – 6. ed. – Rio de Janeiro: Waak, 2015.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime, DARIDO, Suraya Cristina e OLIVEIRA, Amauri Bássoli de. (Orgs.). **Esportes de invasão**: basquetebol, futebol, futsal, handebol, ultimate frisbee - Coleção Práticas corporais e a organização do conhecimento, vol. 2. Maringá, PR: Eduem, 2017. Disponível em: <<http://old.periodicos.uem.br/~eduem/novapagina/?q=node/610>>. Acesso em: 24 mar 2024.

GRAHAM, Linda J; MEDHURST, Marijne; MALAQUIAS, Catia; TANCREDI, Haley; BRUIN, Catriona de e GILLET-SWAN, Jenna. Beyond Salamanca: A citation analysis of the CRPD/GC4 relative to the Salamanca Statement in inclusive and special education research. **International Journal of Inclusive Education**, v. 27, n. 2, p. 123-145, 2023. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13603116.2020.1831627>>. Acesso em: 15 mar. 2024.

HANSSSEN, Natallia Bahdanovich; KHITRUK, Vera. Understanding inclusion and inclusive education for students with special educational needs: 3Ideals and reality. *In: Dialogues between Northern and Eastern Europe on the Development of Inclusion*. Routledge, 2021. p. 2-17.

KASPER, A. A.; LOCH, M. V. P., PEREIRA, PEREIRA, V. L. D. Alunos com deficiência matriculados em escolas públicas de nível fundamental: algumas considerações. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 31, p. 231–243, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/DdvPsMLg5kFtxTMyQmMWPbp/>>. Acesso em: 20 mar. 2024.

LORD, C. COOK, E. H. LEVENTHAL, B. L. AMARAL, D. G. Autism spectrum disorders. **Neuron**, v. 28, n. 28, p. 355–363, 2000. Disponível em: <[https://www.cell.com/neuron/pdf/S0896-6273\(00\)00115-X.pdf](https://www.cell.com/neuron/pdf/S0896-6273(00)00115-X.pdf)>. Acesso em 23 maio 2024.

LÓPEZ M. G.; VALENZUELA, A. V.; LÓPEZ, I.P.; SILVA, M. V. El trabajo de lamotricidad em La clase de educación física com Niños autistas a través de La Adaptación del lenguaje Benson Schaeffer. **Revista Ibero Americana de Educación**. v. 46, p. 175–192, 2008. Disponível em: <<https://rieoei.org/RIE/article/view/722>>. Acesso em: 10 fev. 2024.

MAIA, J.; BATAGLION, G. A.; MAZO, J. Z. Alunos com transtorno do espectro autista na escola regular: relatos de professores de educação física. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, v. 21, n. 1, 2020. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/view/9696>>. Acesso em: 20 mar. 2024.

MARTINS, Juliana dos Santos. **Contribuições da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) para adaptação escolar de crianças pré-escolares com autismo**. 2020. 140 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

MOREIRA, Márcio Borges; DE MEDEIROS, Carlos Augusto. **Princípios básicos de análise do comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2018.

OLIVEIRA, C. R.; MARTINS, J. S.; SCHMIDT, C. e CAMARGO, S. P. H. Adaptações e estratégias baseadas em evidências para aumentar a interação e o engajamento de alunos com TEA. nas aulas de educação física. **Revista Atos de Pesquisa em Educação**, v. 18, p. 11209–11209, 2023. Disponível em: <<https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/11209>>. Acesso em: 25 mar. 2024.

OLIVEIRA, Calleb Rangel de. Educação Física escolar e inclusão de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo. 2017. 123f. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, Pelotas, 2017.

ORTEGA, Francisco. "Deficiência, autismo e neurodiversidade". **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14 n. 1, p. 67-77, 2009. Disponível em: <[https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource\\_ssm\\_path=/media/assets/csc/v14n1/a12v14n1.pdf](https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csc/v14n1/a12v14n1.pdf)>. Acesso 25 maio 2024.

PREZENSZKY, Bruno Cortegoso; MELLO, Roseli Rodrigues de. Pesquisa bibliográfica em educação: análise de conteúdo em revisões críticas da produção científica em educação. **Rev. Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 19, n. 63, p. 1569-1595, out. 2019. Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-416X2019000401569&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-416X2019000401569&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 25 maio 2024.

SELLA, Ana Carolina; RIBEIRO, Daniela Mendonça. O que é a Análise do Comportamento Aplicada. In: SELLA, Ana Carolina; RIBEIRO, Daniela Mendonça (Orgs.) **Análise do Comportamento Aplicada ao transtorno do espectro autista**. Curitiba: Appris, 2018.

THOMPSON, Travis. **Conversa franca sobre o autismo: guia para pais e cuidadores**. Campinas, SP: Papirus, 2014.

VILLEGAS, Nohelia Yaneth Alfonzo. Inclusión de estudiantes con necesidades educativas especiales. **Revista Electrónica Entrevista Académica (REEA)**, v. 2, n. 8, p. 96-120, 2021. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7960574>>. Acesso 14 abr. 2024.

WERLICH, Rodrigo. **Inclusão de alunos com transtorno do espectro autista nas aulas de educação física: um estudo de caso**. Trabalho de Conclusão de Curso, 2019. 35f. (Licenciatura em Educação Física) - a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2019.

WHITMAN, Thomas L. **O desenvolvimento do autismo**. São Paulo: M. Brooks do Brasil, 2015.

Recebido em: 25 de maio de 2024

Aprovado em: 01 de julho de 2024